

PRIVILÉGIO

Eu el-rei faço saber aos que este alvará virem, que Paula Vicente moça da câmara da minha muito amada e prezada tia me disse que ela queria fazer imprimir um livro e cancionero de todas as obras de Gil Vicente seu pai, assim as que ate ora andaram imprimidas pelo miúdo, como outras que o ainda não foram. Pedindo-me que houvesse por bem que por tempo de dez anos não pudessem imprimir nem vender o dito cancionero senão ela, e as pessoas a que ela para isso desse licença: e que as ditas obras miúdas do dito seu pai, que até ora andaram imprimidas. se não pudessem mais imprimir nem vender pelo miúdo. E visto seu requerimento, e por alguns justos respeitos que me a isto movem, hei por bem e me praz que fazendo ela imprimir o dito cancionero de todas as obras do dito seu pai, impressor algum, nem outra alguma pessoa, possa em meus reinos e senhorios imprimir nem vender o dito cancionero, nem trazê-lo de fora do reino a vender sem consentimento e licença da dita Paula Vicente, e isto por tempo de dez anos somente, que começaram da feitura deste alvará. E imprimindo ou vendendo alguma pessoa o dito cancionero nos ditos meus reinos e senhorios, ou trazendo de fora deles a vender como dito é dentro no dito tempo de dez anos sem licença da dita Paula Vicente, perderá todos os volumes que deles lhe forem achados, e pagarão cinquenta cruzados, ametade para a minha câmara, e a outra ametade para quem os acusar. E assim me praz que daqui em diante pelo dito tempo de dez anos se não possam imprimir nem vender pelo miúdo obras algumas do dito Gil Vicente que estiverem no dito cancionero, sob a mesma pena acima declarada. E mando a todas as minhas justiças, oficiais, e pessoas a que o conhecimento disto pertencer. que cumpram e guardem inteiramente este alvará, como se nele contém, o qual hei por bem que valha e tenha força e vigor como se fosse carta feita em meu nome, por mim assinada, e passada por minha chancelaria, sem embargo da ordenação do segundo livro, quarto, vinte, que diz que as cousas cujo efeito houver de durar mais de um ano, passem por cartas, e passando por alvarás não valham. E valerá este outro sim, posto que não seja passado pela chancelaria, sem embargo da ordenação que manda que os meus alvarás que não forem passados pela chancelaria se não guardem. Jorge da Costa o fez em Lisboa a três dias de Setembro de mil e quinhentos e sessenta e um Manuel da Costa o fez escrever. E cada volume do dito cancionero se não poderá vender por mais de um cruzado. E este alvará se tresladará e imprimirá no princípio do dito cancionero.

Rainha

**PRÓLOGO DEREGLADO AO MUITO ALTO
E PODEROSO REI NOSSO SENHOR
DOM SEBASTIÃO O PRIMEIRO
DO NOME,
POR LUÍS VICENTE**

É tão gloriosa coisa, altíssimo rei e senhor nosso, a fama daqueles que a têm e a tiveram, que a toda pessoa geralmente faz desejo de a acrescentar e ressuscitar suas obras e assim o fazem muitos, uns com contarem em prática suas coisas, outros com escreverem suas obras, outros trabalharem que venham à notícia de todos com as imprimirem, como foi aquele que apurou, e alimpou, e fez que fossem vistas e achadas as coisas de Homero, porque se ele não fora perderam-se, e outros que tomaram a seu cargo o trabalho de serem pregoeiros daqueles que escreveram e fizeram obras dignas de serem apregoadas, sem outra obrigação, mais que somente a curiosidade que tinham de quererem que se não perdesse a fama de grandes homens. Quero dizer que se estes não lhe indo nisso nada o fizeram assim, que farão aqueles a que bate à porta a obrigação de seus antepassados, que suas obras são desejadas virem à notícia de todos. E ainda que as obras de meu pai não tenham tamanho merecimento, como tiveram as doutros poetas antigos e modernos, tão celebradas em todo o mundo: todavia ainda que as deste livro fiquem muito abaixo destas, por serem coisas algumas delas feitas por serviço de Deus, e todas em serviço de vossos avós, e de que eles muito gostaram era razão que se imprimissem. E porque sei que já agora nessa tenra idade de V. A. gosta muito delas, e as lê e folga de ouvir representadas, tomei a minhas costas o trabalho de as apurar e lazer imprimir sem outro interesse senão servir V. A. com lhas dirigir, e cumprir com esta obrigação de filho. E porque sua tenção era que se imprimissem suas obras, escreveu por sua mão e ajuntou em um livro muito grande parte delas, e ajuntara todas se a morte o não consumira. A este livro ajuntei as mais obras que faltavam e de que pude ter notícia. E porque o prólogo que adiante vai dirigido a el-rei vosso avô, que haja glória, não houve efeito. Esse, como livro todo ofereço a V. A. a quem Nosso Senhor crescente e prospere a vida e estado por muitos anos.

**PRÓLOGO EM QUE O AUTOR DEREGIA
ESTA CÓPIA DE SUAS OBRAS AO MUITO
ALTO E EXCELSO PRINCIPE EL-REI
DOM JOÃO O TERCEIRO DESTE
NOME EM PORTUGAL**

Os livros das obras que escritas vi sereníssimo senhor, assim em metro como em prosa, são tão florescidas de cientes matérias, de graciosas invenções, de doces eloquências e elegâncias, que temendo a pobreza de meu engenho, porque nasceu e vive sem possuir nenhuma destas: Determinava deixar minhas misérrimas obras por imprimir, porque os antigos e modernos não deixaram cousa boa por dizer, nem invenção linda por achar, nem graça por descobrir. Assim que para passar seguro da pena que minha ignorância padecer não escusa, me fora formosa guarida não dizer senão o que eles disseram, ainda que ficasse como eco nos vales que fala o que dizem, sem saber o que diz. Porém querendo eu no presente preâmbulo ajudar-me do seu costumado estilo, em querer louvar as excelências de V. A. como eles fazem aos senhores a quem suas obras endereçam. Que farei? sendo certo que ainda que fosse em mim só a sua oratória, tão fecunda como em todos eles, e me fosse traspassado o espírito de David, não presumiria escrever de V. A. a mínima parte de sua magnífica bondade, de sua nobilíssima condição, de sua discreta mansidade, do perfeito zelo de sua justiça, da sua paz, da sua guerra, da sua graça, gravidade, conselho, sabedoria, liberalidade, prudência, e finalmente do seu cristianíssimo firmamento. Outro sim querendo navegar pela rota do seu exórdio deles, pedindo a V. A. favor e amparo, para que minha enferma escritura não seja ferida de línguas danosas. Parece-me injusta oração pedir tão alto esteio para tão baixo edifício, quanto mais que ainda que digno fora de tão nobre amparo, tenho considerado que Cristo filho de Deus sob amparo de poderio eternal do Padre e todos seus bem-aventurados santos não passaram por esta vida tão livres, que dos malditos detractores não fossem julgadas suas divinas obras, por humanas leviandades: sua santa doutrina, por máxima ignorância: sua manifesta bondade, por falsa malícia: sua santíssima graça, por sorretício engano: sua excelsa abstinência, por vil hipocrisia: sua celeste pobreza, por terreno vício. Pois rústico peregrino de mi, que espero eu? livro meu que esperas tu? Porém te rogo que quando o ignorante malicioso te repreender, que lhe digas, se meu mestre aqui estivera, tu calaras. Finalmente que por escusar estas batalhas e por outros respeitos, estava sem propósito de imprimir minhas obras se V. A. mo não mandara, não por serem dignas de tão esclarecida lembrança, mas V. A. haveria respeito a serem muitas delas de devação, e a serviço de Deus endereçadas, e não quis que se perdessem, como quer que cousa virtuosa por pequena que seja não lhe fica por fazer: por cujo serviço trabalhei a compilação delas com muita pena de minha velhice e glória de minha vontade, que foi sempre mais desejosa de servir a V. A. que cobiçosa de outro nenhum descanso.